



Janeiro a Junho 2013

CAPA e BATINA

N.º 41 • 3ª SÉRIE

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



NESTE NÚMERO

XXI ANIVERSÁRIO
DA ASSOCIAÇÃO

PAG. 04

CONFERÊNCIAS

PAG. 06

AS NOSSAS VIAGENS

PAG. 19



- 03 EDITORIAL
- 04 EM DESTAQUE
XXI Aniversário da Associação/Tomada de Posse dos Órgãos Sociais eleitos
- 06 CONFERÊNCIAS
O Ministério Público, uma Magistratura em Democracia – Dr^a Cândida Almeida
Francisco, um Papa para uma Igreja Pobre ao Serviço dos Pobres – Monsenhor Feytor Pinto
- 09 TERTÚLIAS ACADÉMICAS
"Um Audível Silêncio" (Carlos Almeida Santos) – Tertúlia Académica – Dr. João Lamas
- 10 CONVERSAS MENSAIS
"Estórias de Vida" de Alcindo Costa – Dr Alcindo Costa
"A Importância de Pernambuco na Construção e na Restauração de Portugal"
de Cor. Barbosa Pereira
"Um Olhar para Portugal no Mundo" – Conversa Mensal – Prof Doutor José de Paiva
Boléo-Tomé
- 15 OS NOSSOS PASSEIOS
LÁ FORA – Viagem aos Emiratos Árabes Unidos – Dr^a M^a Guerra Prazeres
CÁ DENTRO – Passagem de Ano nas Termas Monte Real
– Passeio da Primavera "Rota dos Escritores " – Cons^a M^a Laura Mesquita
- 23 A VOZ DA FILANTRÓPICA
Chá dos Reis e Chá da Primavera
"TeleAssistência: Home Care Services"
- 23 VISITAS LOCAIS
- 24 ESPAÇO POESIA
Poemas escolhidos por Carlos Almeida Santos
- 25 BLOGOSFER@
- 25 NOTÍCIAS BREVES
- 27 IN MEMORIAM

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:
www.aec-lisboa.com



EDITORIAL

UM PAPA DIFERENTE

1. Durante séculos a eleição de um papa fazia-se no conclave, com todos os cardeais eleitores, cumprindo sempre os rituais que a tradição definia. Esperou-se sempre um Papa italiano, conhecedor da Cúria e bem enquadrado no estilo clássico que os séculos já tinham consagrado.

- A primeira vez que não foi assim, foi na eleição do Cardeal Wojtyła, em 1978. O novo Papa, que escolheu o nome de João Paulo II, nasceu em Wadowice, na Polónia e sofrera os rigores do regime soviético que dominava toda a região. Apareceu, muito novo (58 anos), com uma extraordinária proximidade, com capacidade de acolher a todos e com o desejo de levar a mensagem do Evangelho a todo o mundo.
- O Papa Bento XVI, mantendo os rituais, revelou-se um intelectual que não teve receio de citar autores pagãos nas suas encíclicas. Depois, teve a coragem de pedir a resignação, recolhendo-se ao silêncio de um convento.

2. No Conclave de Março passado foi eleito o Cardeal Jorge Bergoglio, arcebispo emérito de Buenos Aires. Com uma firmeza extraordinária, rompeu com os canones de apresentação ao Povo de Roma. Recusou a murça vermelha debruada a arminho, preferiu a cruz de ferro com a imagem de Cristo Pastor, e

não aceitou calçar os sapatos vermelhos. Foram sinais de querer ser diferente.

- Escolheu o nome de Francisco, quando o Cardeal Claudio Hummes lhe disse para se lembrar dos pobres.
- Sendo jesuíta, muitos pensaram que se referia a Francisco Xavier. Disse, então, aos jornalistas que escolhera Francisco de Assis como modelo.
- Francisco, porque queria uma Igreja pobre ao serviço dos pobres.
- Francisco, porque desejava uma Igreja em renovação profunda, retomando a vitalidade da igreja dos primeiros cristãos.
- Francisco, por querer uma Igreja que se preocupasse com os problemas da ecologia, perante um mundo que não respeita a natureza.

3. De facto, Francisco de Assis tinha estas características. Viver para os pobres, pedir ao Papa para reconstruir a Igreja em ruínas, chamar irmão às plantas e aos animais. Francisco de Assis é para o Papa Francisco o seu paradigma. Tarefa ingente.

- Dá sinais de um desprendimento total, vivendo em Santa Marta, deslocando-se em carros mais simples, aproximando-se de todos sem medo, respondendo pessoalmente a cartas e telefonemas.

- Quer renovar a igreja, escolhendo uma equipa de cardeais vindos dos quatro cantos do mundo, para estudarem o futuro e o presente da Igreja. Está a substituir os membros da Cúria, por colaboradores muito simples, que ele conhece e sabe competentes nos trabalhos a fazer.
- Não tem medo de enfrentar os casos mais problemáticos e assume a sua resolução com simplicidade.
- Revela também uma imensa sensibilidade, com uma vida que a todos respeita e a todos revela o seu amor.

4. Entre 21 e 23 de Novembro estarei em Roma, na 28ª Conferência Internacional do Vaticano sobre problemas de Saúde (Pastoral da Saúde). Esperamos ser recebidos pelo Papa. Quando regressar vou ter oportunidade de contar-vos outras histórias maravilhosas que o contacto com Francisco, Papa, me possa revelar. Se há quem duvide da força do Espírito Santo na vida da Igreja, depois da eleição de Francisco, o Papa que veio do Fim do Mundo, pensará que só o Espírito Santo se poderia lembrar do Cardeal argentino.

Monsenhor Vitor Feytor Pinto

*Nota:
Síntese da Conferência proferida
em 10 de Março 2013*

XXI ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO TOMADA DE POSSE DOS ÓRGÃOS SOCIAIS ELEITOS

16 de Março de 2013



Esta comemoração continua primando pela hegemonia do espírito de abertura à sociedade envolvente, académica ou não, que tem caracterizado a nossa Associação.

Na verdade, começámos logo por eleger um espaço – o auditório da Faculdade de Medicina Dentária – cedido pela Reitoria da Universidade de Lisboa, tão adequadamente representada pelo Vice-Reitor Prof. Doutor Vasconcelos Tavares (foi um dos fundadores desta Escola...).

Depois, a intervenção da Universidade Intergeneracional de Benfica (UNISBEN) e a presença do seu Director, Dr. Consiglieri Pedroso, com as actuações muito aplaudidas dos seus Grupo de Danças Regionais e Tuna, sob a direcção do Maestro Guilherme Cancelinha, dignificaram o Sarau, a par das actuações dos nossos jovens (e sua prole) "Madre Christo", do Coral "Ad-Hoc" e dos Grupos "Porta Férrea" e "Serenata ao Luar" numa inesquecível Serenata de Coimbra.

Também o Fundo Solidário (criado pelo Instituto Universitário Justiça e Paz, de Coimbra) mereceu, neste acto, uma resposta pronta ao apelo do Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor Henrique Madeira (a representar o Magnífico Reitor), que foi portador da 1ª bolsa (1 050 €) para um estudante em dificuldades, com a promessa de brevemente atingirmos uma 2ª! Tudo isto a enquadrar a Tomada de Posse dos Órgãos Sociais eleitos em Assembleia-Geral de 6 de Março, quais sejam:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente – Francisco Chichorro Rodrigues
Vice-Presidente – Carlos Alberto Carranca de Oliveira e Sousa
Secretário – Ana Clara Oliveira Ribeiro
Secretário – Arménio Hall

DIRECÇÃO

Presidente – Maria de Fátima Lencastre
Vice-Presidente – Alcindo Augusto Costa
Vice-Presidente – António Manuel Fernandes Ribeiro
Tesoureiro – José António Correia
Secretário – Maria Isabel Soares da Costa
Vogal – Maria José da Costa Bernardino
Vogal – Luís Miguel Gaspar Martins

CONSELHO FISCAL

Presidente – José Manuel Matos da Costa

Vice-Presidente – Jorge Manuel Fernandes Nunes

Vogal – Maria Claudina Castel-branco

ASSESSORIAS

CULTURAL – Eduíno de Jesus e Carlos Carranca

PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS – José Pedro Campos Barbosa

A presidente da Direcção, depois de saudar todos e agradecer aos intervenientes no Sarau, pediu um minuto de silêncio em memória de Luiz Goes, sempre presente na vida da Associação.

Das palavras que proferiu a seguir, ressaltam:

- a composição da Direcção: 3 séniores e 4 um pouco mais que júniores (veículos para novos sócios jovens...);
- a manutenção da Assessoria Cultural, integrada por reconhecidas personalidades no campo das letras e das artes com diferentes, mas harmónicos, estilos de intervenção;
- a criação de uma nova, a Assessoria para as Relações Internacionais, a cargo de um jovem, correspondendo a um desiderato da Reitoria da U.C. de serem (re)estabelecidas relações de cooperação com as Associações de Antigos Estudantes de Coimbra nos Países Lusófonos (autóctones ou expatriados) já constituídas ou em vias de constituição;
- o fortalecimento dos valores imanentes do programa eleitoral que sustentou a lista sufragada, com saliência para a dedicação dos seus membros em regime de voluntariado sem qualquer aproveitamento para interesses próprios,

apenas com a exigência do respeito que é devido a quem trabalha para o bem de todos;

- a salvaguarda da independência e isenção nos domínios políticos, de crença ou postura social;
- a defesa e reforço do prestígio da nossa matriz, a Universidade de Coimbra!

Tarde avançada, perante o insubstituível bolo gigante de aniversário e as taças de espumante, os convivas (110), participantes no Sarau e convidados entoaram os parabéns à Associação, agora também com a representação da Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Lisboa e do seu Reitor, Prof. Doutor António Sampaio da Nóvoa (o anfitrião credor do nosso reconhecimento, extensível ao Dr. Dário Vilela, Secretário Coordenador da Faculdade que nos acolheu).





A Direcção

CONFERÊNCIAS

O MINISTÉRIO PÚBLICO, UMA MAGISTRATURA EM DEMOCRACIA



Síntese da intervenção em 25 de Janeiro de 2013, seguida de debate

Maria Cândida Almeida

A Revolução de Abril impôs, pela sua essência, a dignificação e concretização da independência dos Tribunais, garantida pela autonomia do M^oP^o e pela independência efectiva dos Juizes.

No que à magistratura do M^oP^o concerne, arrastou para o palco das preocupa-

ções democráticas, a reflexão sobre a sua natureza, estrutura, estatuto e objectivos.

A magistratura do M^oP^o reflectia sobre si, em busca de uma identidade perdida "no Estado Novo", escreveu Rodrigues Maximiano¹.

¹ Rev^a do M^oP^o, ano 11^o, n.º 41, págs. 73 e sgs.

A magistratura do M^oP^o de hoje emerge, na nossa vivência colectiva, de uma consciência de liberdade e responsabilidade, integrando um dos pilares da Democracia Humanista em que vivemos, os Tribunais, órgão de soberania dirigido à realização de uma justiça concreta para o ser humano concreto, prosseguida pelo Estado de direito democrático consagrado na nossa Constituição da República.

Com Figueiredo Dias², a instituição do M^oP^o "goza entre nós de um estatuto jurídico-constitucional e legal que lhe assegura uma legitimação democrática cabal e porventura sem paralelo com a generalidade dos ordenamentos jurídicos pertencentes ao nosso círculo jurídico-cultural". O M^oP^o de hoje goza de total autonomia face ao poder político, organiza-se hierarquicamente, o Procurador-Geral da República é proposto pelo Governo e nomeado pelo Presidente da República, é detentor de um órgão próprio e exclusivo, de gestão e disciplina, composto por elementos internos e externos, que lhe asseguram, também por esta via, a sua legitimação democrática.

Os Tribunais, em democracia, erigem-se, nomeadamente na área criminal, em último reduto da igualdade dos cidadãos perante a lei, são independentes dos outros órgãos de soberania. Para alcançar tal desiderato, sustentam-se na autonomia do M^oP^o e na independência dos Juizes. A magistratura judicial tem a superior incumbência de dizer o direito no caso concreto. Ao M^oP^o, afirma-o a CRP, (art.º 219.º) incumbe-lhe a função de representar o Estado e defender os interesses que a lei determinar, exercer a acção penal orientada pelo princípio da legalidade, participar na execução da política criminal, defender a legalidade democrática.

Na área criminal, onde se jogam, afinal, os direitos e deveres fundamentais dos cidadãos e o princípio da igualdade do cidadão perante a lei, o M^oP^o subordina a sua intervenção e actuação exclusivamente aos princípios da legalidade e da objectividade.

O estatuto do M^oP^o recolheu da História o legado de traços *sui generis*, muito re-

levantes, de funções sociais, face aos seus congéneres internacionais.

A C.R.P., o estatuto do M^oP^o e as leis ordinárias, em uníssono, caracterizam o M^oP^o como uma magistratura ao serviço da *res pública*.

Na área crime, dirige a investigação e é o exclusivo detentor do exercício da acção penal; na área laboral representa os trabalhadores mais carenciados; na área cível defende os interesses do Estado, dos mais fracos, dos ausentes e os superiores interesses da criança.

Na área administrativa, pugna pelo princípio da confiança e autonomia intencional do Estado.

Com o saber e dom de escrita, apanágios de Cunha Rodrigues, recupero o quadro itinerante que descreveu para o M^oP^o:

*"Pela mão da lei, o magistrado do Ministério Público passou a ter de fazer diariamente, numa mesma comarca, uma visita guiada ao Estado, à sociedade e à cidadania: cuidar da criança órfã ou em risco, representar interesses de menores, prevenir e investigar a criminalidade, promover a justiça penal, defender ausentes e incertos em acções contra eles movidas, patrocinar o Estado ou autarquias, requerer a anulação de cláusulas contratuais abusivas e analisar as decisões judiciais para verificar a sua conformidade com jurisprudência obrigatória"*³

Na expressão feliz do brilhante e iminente jurista Procurador Geral Distrital-Vice-Procurador-Geral – Conselheiro Dias Bravo, o M^oP^o pode definir-se como a magistratura dos três i(s) – iniciativa – intervenção – imediação.

É uma magistratura que presta um serviço público de justiça em e para a Democracia.

Acompanhando o Mestre⁴, a autonomia de que goza o M^oP^o face ao Executivo "tem de estar em equilíbrio com um dever que entre nós foi até há pouco desatendido; e que, todavia, surge como a mais autêntica decorrência do princípio democrático e do Estado de Direito: o dever de prestar contas à comunidade pela forma de exercício dos poderes re-

lacionados com o processo penal e a política criminal (...). É por isso estrita obrigação do Ministério Público – (...) – prestar periódica e publicamente contas daquele exercício, dos êxitos e inêxitos, das dificuldades e obstáculos, das formas de lhe pôr termo ou de os ultrapassar, não se coibindo de apontar aqueles que sejam imputáveis, não a circunstâncias externas, mas a debilidades da actuação da própria magistratura.

Porém, uma magistratura com tamanhas responsabilidades comunitárias carece de visível e explícito apoio, cobertura e solidariedade da sua hierarquia máxima que, como é óbvio, deve atentar e fiscalizar a disciplina dos seus magistrados mas, sobretudo numa época de ascensão do crime organizado e económico-financeiro, em que internacionalmente se alerta para o perigo da contaminação do poder político pelos fautores deste tipo de criminalidade, não se deve bastar pela mera intervenção preventiva e repressiva, deve e tem de, sempre que necessário, vir a ter-reiro na defesa dos seus magistrados, que se vêem, confrontados, no dia-a-dia com a descrédibilização, dolosa e disseminada astuciosamente, não só do seu exercício funcional, como da sua ética, deontologia e dedicação à causa pública, "encomendada" pelos ditos Senhores do crime.

A Autonomia do M^oP^o implica uma liberdade responsável, sujeição a critérios de legalidade e objectividade, dedicação total à coisa pública, num serviço direccionado ao cidadão, mas demanda, no mesmo patamar de exigência, apoio, solidariedade, respeito e total cobertura da actuação e intervenção dos respectivos magistrados, pela hierarquia que deve, sempre, publica e empenhadamente acompanhar, incentivar e defender a dignidade, independência e prestígio funcional e pessoal de todos quantos se entregam e vestem "a camisola" de uma magistratura indispensável ao pulsar do Estado de direito democrático que somos.

A dignidade humana que enforma a nossa C.R.P. é um direito de todos. Dos magistrados do M^oP^o também.

² "Ministério Público: Que Futuro?"

³ Cadernos da Rev^a do M^oP^o, 5º Congresso do M^oP^o.

⁴ Figueiredo Dias, ob. Citada.

JANTAR/CONFERÊNCIA

“FRANCISCO – PARA UMA IGREJA POBRE, AO SERVIÇO DOS POBRES”

Monsenhor Vítor Feytor Pinto

No dia 10 de Maio no Hotel Lisboa Plaza, o Reverendo Vítor Feytor Pinto brindou-nos com uma dissertação sobre o Papa Francisco; a profundidade e a extensão da mesma não cabem neste registo, pelo que, para já, ficam os seguintes tópicos:

“Introdução

1. A surpresa da eleição de Francisco
 - Os 5 grupos de influência no Conclave
 - Um Papa que vem do fim do mundo e escolhe o nome de Francisco
 - A ação do Espírito Santo – uma consciência na Igreja
2. As suas palavras e os seus gestos
 - Em vez de dar a bênção, pediu ao povo de Roma ORAÇÃO
 - Preferiu a simplicidade, recusando as vestes papais – a cruz, a murça, os sapatos
 - Juntou-se a todos os cardeais, no self-service de Santa Marta e gracejou perdoando a eleição
 - Visitou Santa Maria Maior, entrou no nº. 70 da Via della Scroffa e ficou a viver em Santa Marta
 - Exortou os cardeais à confiança porque “O pessimismo é obra do diabo”
 - Visitou o Papa Emérito Bento XVI e pediu-lhe apoio
 - Criou o Conselho de Ação Pastoral com 8 cardeais de todo o mundo
 - Quer uma Igreja pobre, ao serviço dos pobres (a experiência da sua vida – George Bergoglio)
3. Tudo isto constitui um desafio à Igreja e ao mundo. O nome FRANCISCO tem três significados – atenção aos pobres, respeito pela natureza e renovação da Igreja
 - A Igreja aguarda a renovação
 - O mundo espera com confiança o despojamento e serviço

1º. OS ÚLTIMOS PAPAS REVELAM UMA IGREJA, AO RITMO DO MUNDO

1. De Leão XIII a Francisco
 - Os operários e as crianças – Leão XIII e Pio X
 - As missões e o laicado – Bento V e Pio XI
 - A inteligência e a pastoral – Pio XII e João XXIII
2. Os Papas do Concílio
 - João XXIII
 - Paulo VI
 - João Paulo II

3. Dois Papas académicos
 - Wojtyla e Ratzinger
 - Era urgente um Papa Pastor É FRANCISCO

2º. 50 ANOS À PROCURA DE UMA NOVA IDENTIDADE

1. O Concílio Vaticano II, renovação em tempo de mudança
 - A década de 60
 - Os novos teólogos
 - A redação dos textos
2. A Igreja Povo de Deus
 - Não é apenas comunidade de cristãos
 - É povo de Deus com características (L.G. 9)
 - Está em relação com todo o mundo (L.G. 13 a 16)
3. O tempo do laicado
 - A relação Igreja – mundo – G.S.
 - Os leigos na Igreja (L.G. 31)
 - As dificuldades em temas concretos:
 - A sexualidade
 - O estatuto da mulher
 - O diálogo inter religioso
 - A construção do mundo novo
 - Os 5 campos de intervenção

3º. AO SERVIÇO DOS POBRES

1. O testemunho cristão exige o cuidado para com os pobres
 - A Boa Nova aos pobres (Luc. 4)
 - Bem aventurados os pobres (Mt. 5)
 - Privilegiar os mais pobres (EN 21)
2. Evangelização e desenvolvimento
 - A ação social, na Igreja, parte integrante da missão
 - O mistério da Caridade
 - O novo nome da Paz é Desenvolvimento
 - A defesa do Estado Social exige valores com uma relação humana assente na dignidade da pessoa
3. Como vai renovar-se a Igreja, na sua relação com os pobres?
 - A insuficiência da solidariedade em tempo de crise
 - A promoção do homem todo e de todos os homens
 - Reinventar o amor

CONCLUSÃO

Na Igreja e no mundo é fundamental a esperança. Só a esperança pro ativa será salvadora.”



“UM AUDÍVEL SILÊNCIO”

DOS POEMAS DE CARLOS ALMEIDA SANTOS



20 de Abril de 2013

João Lamas

1. Carlos Almeida Santos, o amigo Carlos, pela segunda vez, pede que apresente em público poemas seus. Dois títulos publicados: - “Melodia Interrompida”, de 2009 ” e “Um Audível Silêncio”, de 2012, ambos da editora Calçadas Letras www.letrasemmarcha.blogspot.com e distribuídos pela “Letras em Marcha (calcadadasletras@gmail.com). Prefaciei o último. Pede-me agora o poeta que lhe apresente a obra na Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa. Que melhor lugar para evocar na capital um poeta de Coimbra?
2. Não vou semear de poemas esta conversa. Vou alinhar uns tópicos e fazer algumas citações. Apoio-me nelas, mas aviso desde já que só eu assumo as interpretações que suscito. Aliás não estranho que outros possam adiantar o que a mim mesmo lembro com o provérbio *quem te manda a ti, sapateiro, tocar rabecão*.
3. Avanço com o primeiro tópico: realço uma frase de um de um dos poemas do Carlos: *o real magoa com um doer profundo* (MI, pg 41). Sublinho: *o real magoa*. O homem foge dele como o diabo da cruz e, no entanto, não tem outro remédio de que o viver face a face. Mas disfarça permanentemente esse embate, inventando maneiras atrás de maneiras de o iludir. Essa ilusão vai ao ponto de se entranhar nos neurónios a ideia de que tanto pior para os factos se as ideias os contradizem...
4. Segundo tópico: Leio de Fernando Pessoa, de seu heterónimo Álvaro de Campos, por sinal engenheiro, (e é suposto que os engenheiros saibam que uma pedra é uma pedra), os primeiros quatro versos de Tabacaria: *Não sou nada. /Nunca serei nada. /Não posso querer ser nada. /À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo*. Ainda bem que a Álvaro de Campos ninguém encomendou uma ponte, mas todos os sonhos do mundo fazem de Tabacaria o que de melhor há na poesia portuguesa de todos os tempos – um belo exorcismo da realidade a partir da janela de sua casa de onde via que *em todos os manicómios há doidos malucos com tantas certezas!*
5. Terceiro tópico: Dizem que a Bíblia é a obra mais traduzida, e com o recorde de edições. No entanto, ousou avançar esta intuição: o menos lido dos livros bíblicos é o de Qohélet, o *Eclesiastes, de onde retiro esta aparente blasfémia: apliquei o meu espírito a estudar e a explorar, pela sabedoria, todas as coisas que sucedem debaixo do céu. É uma tarefa ingrata que Deus deu aos homens e os oprime*. (Ecls, 1.12). O sublinhado é meu: só o real existe, não há duas coisas iguais no universo e na vida – insuportável desafio para a Mente – e a mente não faz senão a sua obrigação: mente. Chama ao real um problema: – se o resolve, hossanas à ciência, se a realidade a desmente, refugia-se na astúcia de que *cada caso é um caso*, e não admite que a face oculta da realidade é o mistério.
6. Terceiro tópico: Lembro o filósofo André Comte-Sponville (Le goût de vivre – et cent autres propôs, ed Albin Michel, 2010, pgs. 211/213: *O Zero, dizia-me um especialista em ciências da física, não é um número físico*.- isto a propósito da célebre pergunta de Leibniz – porque é que em vez de existir alguma coisa não existe afinal nada? Há resposta? *O homem interroga. O silêncio responde-lhe*. (o.c. pg 213). Funciona então a fé, digo eu: é na certeza das minhas dúvidas que eu fundamento a esperança de ao menos as poder esclarecer nem que seja para além da morte. E é com esta mesma afirmação (a dúvida convicta) que eu ousou dizer: – sim, não há dúvida, só posso ser eterno. Ou louco?
7. Quarto tópico: Leio em António Damásio, *O Livro da Consciência – A construção do Cérebro Consciente* – Ed. Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2010, pg. 380: *a mente e o comportamento são o resultado constante do funcionamento de galáxias de núcleos e aglomerados corticais e projeções neurais convergentes e divergentes*. (Tomo por bom o que o *magister dixit* e por boa a conclusão de Damásio): se essas galáxias forem bem organizadas e trabalharem em harmonia o resultado é poesia. Caso contrário pode ser loucura. E concluo: afinal, é de poeta e de louco que todos temos um pouco...

8. Quinto tópico: Em 1976, o filósofo francês Clément Rosset (informação indirecta através de *Laffont – Bompiani Le Nouveau Dictionnaire Des Oeuvres – de tous les temps et de tous les pays*, ed. Bouquins Robert Laffont, 1994, vol. V, pg 6238) publica *LE RÉEL ET SON DOUBLE – essai sur l'illusion*. Tese: o homem não se pode habituar ao real, tem medo do real. Mesmo quando escapa ao suicídio ou à loucura, para suportar o real o homem recorre a um duplo para *fa-zer as vezes de*, tal como nas primeiras fitas de cinema, em que um duplo fingia de... Hoje não é preciso ir tão longe – a tecnologia finta o real e chama-lhe realidade virtual.
9. Sexto tópico: Inspirados em Rosset, percorramos a história da cultura: quem não se rende à evidência de que com o aparecimento deste bicho insólito chamado homem, de evolução em evolução, é ainda hoje um oráculo do sopro de vida que o precedeu (a ilusão de adivinho); ordena, vira e revira, fere e cala vozes confusas de alter egos, auto convencido de que é a medida de todas as coisas (a ilusão metafísica); descobre a entidade única do "si mesmo", tem

já dificuldade em suportar a singularidade do outro e face à terceira pessoa do singular, é fácil diluí-la na segregação do ele. (ilusão psicológica). Porém, interrogo: - eu, tu e ele não seremos puras gratuidades oferecidas ao mundo e à vida quando rasgamos os ventres de nossas mães?

10. Sétimo tópico: Eu creio que é a "ilusão psicológica" de que o eu é *um outro* (Rimbaud), que permite declarar a arbitrariedade da linguagem (a palavra "rosa" está ausente de todos os ramos de flores – Mallarmé). Mas bendita arte. Permite romper o contrato entre o termo e o conceito, exaltar a palavra e permitir ao poeta fingir que é dor a dor que deveras sente.
11. Vamos pois ler fingidos passes de mágica do meu amigo poeta. E não é porque o poeta se entretinha apenas a fintar os leitores; é também porque o poeta, encantado ou desencantado, com a vida, di-lo com palavras que parecem música, (Sebastião da Gama) mesmo que as harmonias do autor possam ser diferentes das do leitor que lhe empresta a voz.

CONVERSAS MENSAIS

ESTÓRIAS DE VIDA

Alcindo Costa

Falar do passado é de certo modo viver o presente e acautelar o futuro, relembrar acontecimentos que ainda não esquecemos e que de certo modo contribuíram para a formação da nossa personalidade e do nosso carácter. E foram acontecimentos de todo imprevistos e alguns até inevitáveis e para cuja realização nada fizemos. E quando se atinge a muita idade a que eu já cheguei e se é apresentado como idoso, apercebemo-nos de que ser já idoso, é como sermos uma ponte entre o passado e o futuro. De resto o futuro, o destino, o acaso, o inevitável são por vezes diferentes maneiras de dizer a mesma coisa e o nosso mal é muitas vezes, julgarmos que só as coisas grandes são importantes. Por isso, aqui estou para vos contar pequenos acontecimentos, pequenas histórias bem pessoais que de certo modo nunca pela cabeça me tinha passado que viessem a acontecer e que de certo modo me impressionaram me fizeram pensar e me serviram de lição e aumentaram e até os meus conhecimentos e enriqueceram a minha experiência de vida.

1º O ACONTECIDO NA AULA DE HISTÓRIA NO LICEU D. JOÃO III

Começarei com uma bem simples "estória" de que fui mesmo o principal responsável, acontecida numa aula de história, quando no Liceu D. João III em Coimbra, frequentava o 5º ano.

Em determinada altura numa das suas aulas, o professor fez uma pergunta a um dos seus alunos a que ele não respondeu e disse apenas que não sabia. Não me lembro da pergunta que tanto poderia ser acerca de um lugar, região ou país ou quanto ao nome de uma pessoa importante ou quanto à data de um qualquer acontecimento. Ante a resposta negativa desse aluno, fez a mesma pergunta a diver-



os outros alunos e como ninguém soube responder, perguntou a todos em geral, se alguém sabia e como ninguém respondeu, disse logo que todos nós quando chegássemos a casa consultássemos o livro de História para ficarmos a saber a correspondente resposta àquela sua pergunta.

Porque a disposição dos alunos na sala de aula era por ordem alfabética, estava eu sentado na 3ª ou na 4ª cadeira quase em frente ao professor e imprevista e repentinamente virei-me para o colega que estava na cadeira bem atrás de mim e disse-lhe "o gajo também não sabe". O professor infelizmente ouviu, mostrou-se ofendido disse que sabia mas que não dizia a resposta.

Desde logo me arrependi de ter dito tal frase e a mim próprio prometi nunca mais censurar ou dizer coisa semelhante a alguém, sem estar bem fundamentado.

São lições como esta que perduram e nunca mais se esquecem.

E certo é que cada um de nós compõe a sua história

2º EM CINFÃES. O PRESO QUE TERMINADO O CUMPRIMENTO DA PENA NÃO QUERIA SAIR DA CADEIA

No início da minha carreira de Ministério Público fui colocado na comarca de Cinfães e no exercício desse cargo acumulava o cargo de director da Cadeia comarcã. Num dos primeiros meses do exercício desse cargo, o carcereiro que residia na cadeia, um edifício novo e moderno construído para o efeito, apareceu no Tribunal para me dizer que havia um recluso que terminava o cumprimento da pena dois ou três dias depois mas que, conforme lhe tinha dito, se recusava a sair no dia do termo da pena que estava cumprindo e que deveria falar com ele e ordenar-lhe que cumprida a pena fosse em liberdade.

Desloquei-me então e desde logo à cadeia para falar com o ainda recluso e perguntei-lhe porque não queria ir em liberdade. Respondeu-me que não tinha família, nem emprego que não gostava de trabalhar, estava bem instalado, comia e dormia muito bem e que até ganhava dinheiro para comprar cigarros jogando cartas com outros reclusos. Fiquei de certo modo surpreendido com tal argumentação e procurei convencê-lo do valor da liberdade e da dignidade de quem gosta de trabalhar. Não o convenceu esta minha argumentação e manteve a sua decisão de continuar a viver na cadeia. Foi então que lhe disse que se não saísse voluntariamente, providenciaria no sentido de no dia do termo da pena, serem dois GNR,s que vindo à cadeia, pela força o poriam na rua. Perante esta proposta disse que sairia voluntariamente.

E foi o que aconteceu.

São acontecimentos como este que nos magoam mas que

não podemos nem devemos evitar para bem dos próprios reclusos ainda que diferentemente pensem, e para bem da própria sociedade a que pertencemos.

3º CAMINHA. O PRESO EM LIBERDADE AOS DOMINGOS

Como Delegado do Procurador da República na comarca de Caminha, então uma bela vila situada na foz do rio Minho, também em acumulação, exercendo as funções de director da cadeia comarcã, o trabalho que o tribunal me dava não era muito, foi até o Tribunal em que tive menos serviço. Por isso, na cadeia não havia muitos reclusos e houve até uma altura em que na cadeia havia apenas um recluso condenado em alguns meses de pena correcional por ter agredido um homem por ele encontrado em propriedade rústica sua a furtar produtos hortícolas.

-Talvez porque a partir de determinada altura era o único recluso, solicitou-me licença para cair as paredes da cadeia que era apenas o ré do chão do edifício em que estava instalado o tribunal, com o que eu concordei.

Feito o serviço, passados uns dias esse recluso, continuando o único, solicitou ao carcereiro que fosse falar comigo e obtivesse autorização para ir passar os domingos a sua casa. Fui então falar com ele e porque era um recluso bem comportado e continuava só, tendo-me jurado que saindo de manhã, ao fim da tarde de cada domingo já estaria na cadeia. Impressionado e de certo modo comovido, embora então a lei o não permitisse, acedi ao seu pedido e até ao cumprimento da pena lá foi a sua casa todos os domingos cumprindo escrupulosamente o acordado.

Ser compreensivo e benevolente, sou de opinião e sempre fui que todos o devemos ser, ainda que a lei o não preveja ou autorize. E foi isso o que me levou a consentir e a permitir, o que só muito depois foi permitido que se fizesse.

4º O PRESO COM CASACO DE COURO ROUBADO E A SUA RECUSA EM DEVOLVÊ-LO

Continuando como Ministério Público, agora na comarca de Santo Tirso, coube-me instruir um processo-crime contra um homem arguido de vários furtos, preso e apresentado em Tribunal pela GNR. Ao ouvi-lo em declarações no meu gabinete apercebi-me de que vestia um belo casaco de couro objecto de um dos seus crimes de furto e que do processo constava a quem pertencia. Por isso, solicitei-lhe que despisse esse casaco para ser examinado e depois entregue ao seu dono. Negou-se a cumprir o que lhe tinha solicitado. Insisti e como continuava a dizer não, mandei entrar os dois GNR,s que o tinham trazido detido a Tribunal e solici-

tei-lhes que lhe tirassem o casaco, o que fizeram sem que tenha havido resistência. Só que já sem casaco o referido individuo virou-se para mim e disse-me: "lá fora quando estiver em liberdade, ajustaremos contas". Em resposta limitei-me a dizer-lhe: quando vier ter comigo venha de frente e não pelas costas". Até hoje nunca mais me apareceu".
Perante "estórias" como esta, a lição é a de que o cumprimento da lei e do dever, está primeiro que tudo e que devemos estar sempre acautelados perante suspeitos desconhecidos.

5º O TRANSGRESSOR QUE NÃO QUIS SER ABSOLVIDO.

Empossado juiz de direito na comarca da Ilha das Flores, encontrei uma comarca em que não havia advogados e os mais próximos ficavam a cerca de duzentas milhas, não tinha processos crimes nem Ministério Público, nem PSP nem GNR e que a cadeia era um quarto do hospital reservado para esse efeito. Em determinada altura, quando já tinha a informação de que ia ser ou já tinha sido nomeado e transferido para outro cargo no continente, tive que marcar um julgamento de uma transgressão em que o presumível transgressor vinha acusado de não enviar um seu filho à escola e em que a multa aplicável não ultrapassava os duzentos escudos. Solicitei então ao oficial de diligências que ao notificá-lo do dia para o julgamento lhe dissesse que muito gostaria de o absolver - era o meu - primeiro julgamento - desde que me apresentasse justificação aceitável para o facto de não ter matriculado e enviado o seu filho à escola. O referido funcionário assim fez e como resposta apenas me disse que o transgressor lhe respondera que preferia pagar a multa do que vir ao julgamento. E por ter faltado, não houve julgamento propriamente dito e a sua condenação foi inevitável e a lição que recebi deu aso a que jamais tivesse feito solicitações semelhantes àquela.

FADOS

6º LONDRINA. A SURPRESA DA VIOLA E DO PEDIDO QUE CANTASSE

Exerci funções de Presidente Internacional numa Associação cujo principal objecto é a defesa da língua portuguesa e da cultura lusitana e nessa qualidade presidi a uma sessão dessa associação num hotel na cidade de Londrina, no Es-

tado do Paraná, no Brasil, país onde essa Associação nasceu há já mais de 50 anos e onde essa associação tem uns 30 clubes entre os quais o daquela cidade, sessão onde estavam presentes mais de 50 pessoas. Já quase no final quando usava da palavra o presidente do Clube de Londrina, surpreendentemente vi entrar na sala uma pessoa com uma viola e imediatamente perguntei à pessoa que estava sentada à minha esquerda para que era a viola. De imediato essa pessoa me disse que a viola era para eu cantar fado de Coimbra e me acompanhar à viola. Convencido de que ninguém nessa cidade sabia que cantava fado de Coimbra, logo me disse que estava na sala uma pessoa que já me tinha visto e ouvido cantar em Lisboa e que gostaria que cantasse agora. Terminada a sessão, não tive outra solução a não ser a de pegar na viola e cantar um ou dois fados de Coimbra. E de seguida, para surpresa de todos os presentes, também pedi para todos cantarmos e cantámos popular música brasileira "O Luar do Sertão".

7º -Efeitos de ter cantado Canção das Lágrimas

Anos atrás a convite do então nosso Embaixador no Brasil, foi constituído um grupo ad hoc, de Fado de Coimbra, integrado por dois guitarristas, dois violas e três cantores, a fim de colaborarmos nas cerimónias de comemoração do dia de Portugal, que iriam ter lugar em algumas cidades do Brasil. E lá fomos começando por actuar em Brasília. A seguir actuámos em São Paulo e finalmente no Rio de Janeiro, precisamente no Palácio de São Clemente onde anos atrás estava instalada a Embaixada portuguesa. Terminado o espectáculo a que assistiram algumas centenas de pessoas, foi servida uma ceia volante durante a qual veio ter comigo um senhor com pronúncia brasileira e começando por felicitar a actuação do nosso grupo dizendo que muito tinha gostado de nos ouvir, acrescentou que muito gostaria de me apresentar a esposa. Surpreendido com tal proposta atrevi-me a perguntar-lhe por que é que queria apresentar-me a esposa, ao que ele desde logo respondeu que era ela que queria cumprimentar-me porque tinha chorado quando me tinha ouvido cantar um fado, precisamente o denominado Canção das Lágrimas.

Tudo isto que lhes contei aconteceu e me alegrou ou lesou e se lesou terceiros, já não tem remédio, é como se estivesse de certo modo incorrigível.

Mas ficou na minha memória e serviu para valorizar a minha experiência de vida, certo de que a nossa experiência, a experiência que temos e de que nos servimos e até com ela até podemos servir o semelhante, é mais um acumular de erros do que de sucessos e certo é que muitas das "estórias" que lhes contei não passaram de erros e não podem qualificar-se como sucessos.

A IMPORTÂNCIA DE PERNAMBUCO NA CONSTRUÇÃO E NA RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

23 de Abril de 2013

Cor. Barbosa Pereira

O rei D. João III deu um novo rumo à política portuguesa no Brasil com a sua decisão de implantar o regime das donatarias, dadas a capitães escolhidos entre fidalgos com bons serviços e cabedais. Assim aconteceu com Duarte Coelho, fidalgo da Casa Real que, após duas décadas de serviços prestados na Ásia e dispendo de meios para tal investimento, recebeu, no ano de 1534, carta de doação da capitania "do Rio de Santa Cruz" que depois se denominou "de Pernambuco".

Ao fim de poucas décadas, Pernambuco, com a sede na vila de Olinda, era uma capitania próspera, aquela que apresentava maior produção açucareira, além de outras culturas conforme os testemunhos de alguns estrangeiros, e, nas primeiras décadas do século XVII, verifica-se que, a par da prosperidade económica e do desenvolvimento da acção missionária por franciscanos e jesuítas, ela foi solicitada para as expedições militares que intervieram nas capitâncias do Norte (Paraíba, Rio Grande, Ceará, Maranhão, Pará), das quais foi conseguida a expulsão dos franceses, e possibilitada a fundação do Estado do Maranhão em 1621.

Um aspecto a destacar na colonização portuguesa era o papel primordial desempenhado pelas famílias, como o reconheceu Gilberto Freyre. Era o grande factor colonizador do Brasil, que se organiza como unidade produtiva, com o capital que desbrava e investe, e se constitui numa aristocracia colonial com expressão política, que se manifesta, principalmente, nos senados das câmaras.

No ano de 1630, Pernambuco foi atacada por poderosa força militar holandesa e ficou (bem como as capitâncias vizinhas) sob a dominação da Companhia das Índias Ocidentais. Esta situação prolongar-se-ia por mais de duas décadas. No tempo da monarquia dual, as forças e as armadas enviadas por Madrid não conseguiram derrotar e expulsar os holandeses.

Quando, na sequência do 1.º de Dezembro em que D. João IV é aclamado, em Lisboa e noutras partes do império, como Rei de Portugal, a situação vai alterar-se no Brasil. Em 1642, no Maranhão, há um levantamento contra o ocupante holandês, e em Pernambuco, em 1645, desencadeia-se a Insurreição Pernambucana, que iria condicionar os movimentos dos holandeses nessa capitania. Veio, no ano seguinte, a Lisboa, o procurador da Câmara de Olinda pedir auxílio a D. João IV e a nomeação de um general para comandar os insurgentes (compostos de quatro terços), e, em Fevereiro de 1647 o Rei nomeia o Mestre de campo general Francisco Barreto (ou Francisco Barreto de Menezes). Nos anos de 1648 (19 de Abril) e 1649 (19 de Fevereiro) houve as importantes vitórias nas batalhas dos Guararapes, nos arredores do Recife, que deixaram os holandeses ainda mais condicionados naquela capitania. Mesmo assim, resistiram no Recife durante perto de cinco anos, até que em Janeiro de 1654 não resistiram ao cerco, por terra e mar, que lhes foi movido, e renderam-se, abandonado

Pernambuco e as restantes capitâncias em breve prazo.

As capitulações assinadas por ambas as partes, foram bem consideradas pela posteridade.

Ao fim de alguns anos, Pernambuco recuperou a sua economia e a maioria dos engenhos de açúcar, vindo a contribuir, bem como as outras capitâncias, para o esforço da guerra da Restauração em que Portugal estava decidido contra Castela (a batalha decisiva foi a de Montes Claros em 1665), e para o esforço diplomático que teve um ponto alto no ano de 1661 quando foram assinados os importantes tratados com a Inglaterra e a Holanda de que resultaram pesadas obrigações financeiras cujo pagamento duraria algumas décadas. Assim, aproximava-se do fim a guerra, e a Restauração da Independência de Portugal seria reconhecida por Castela e firmada no tratado de Paz assinado em 13/2/1668.

Em Pernambuco, na segunda metade do século XVII assinala-se um aumento de participação de várias camadas da população em confrarias e irmandades, cujos compromissos conhecidos foram aprovados após a criação da diocese de Olinda em 1676.

Verifica-se nesta época um crescendo de tensão social por altura das eleições para a Câmara de Olinda, devido à reivindicação dos comerciantes do Recife em fazerem parte do Senado da referida Câmara. Era grande a rivalidade entre Olinda e Recife de tal modo que, quando esta povoação foi elevada a vi-

la, a reacção dos olindenses não tardou, tendo, o governador de Pernambuco, sido alvo de um atentado que veio a degenerar em guerra civil (1710- 1711) conhecida nos documentos oficiais por "Alterações de Pernambuco", que alguns autores designaram " Guerra dos Mascates" e " Fronda dos Mazombos". A sanção dos sediciosos foi pesada, tendo o rei D. João V tomado a sua decisão

quando foi concluído o processo pela Junta da Inconfidência.

Também em 1711, numa época complexa do ponto de vista político em que decorriam as conversações para os Tratados de Utreque e Luís XIV alimentava ambições em relação ao Brasil, era publicado, então, o livro de Antonil, Cultura e Opulência do Brasil que, pouco depois, foi interdito pela Coroa devido às

informações contidas sobre as minas e os seus acessos. O autor com este pseudónimo, de seu nome Giovanni Antonio Andreoni, era jesuíta italiano e prevalecia nas controvérsias do tempo, manifestando-se contrário às ideias do padre António Vieira, conseguindo congregar à sua volta vários padres italianos, alemães e alguns nascidos no Brasil, que movia contra os interesses portugueses.

UM OLHAR PARA PORTUGAL NO MUNDO

22 de Maio de 2013

José de Paiva Boléo-Tomé

«Um encontro internacional, algures em terra estrangeira. Em dado momento, num daqueles intervalos grandes que permitem contactos e diálogos, encontrei-me a conversar com um colega senegalês. (... ..) Um colega nigeriano aproximou-se e, quando viu no meu "crachat" que eu era português, entrou na conversa. Já se tinham encontrado, e em inglês ou francês, continuámos a nossa troca de impressões sobre os assuntos mais variados, com o mesmo à vontade de pessoas que há muito se conhecem. Mas eu tinha observado que eles quase não falavam, quer com os colegas franceses, quer com os ingleses. Estranhei e perguntei-lhes porquê. Resposta imediata do colega da Nigéria: «Eles olham-nos sempre como inferiores». Surpreendido, saí-me um «e nós?». Quase em conjunto a resposta foi clara e estranha: «Vós? *You, Portuguese, you are like brothers*».

Tinham rodado já muitos anos sobre o caos de uma revolução (e tudo o que a precedera) que deixara Portugal de rastos e espalhara muito sofrimento no país, em África e em Timor. Eles conheciam a História. Homens de cultura, cirurgiões de renome, para eles, em pleno final do século XX, nós éramos como irmãos. Porquê?

Este foi apenas um de muitos comentários espontâneos que vieram ter comigo em Congressos e reuniões científicas, um pouco por todo o mundo e muitas vezes me surpreenderam. É nestes encontros acidentais, não preparados, que surge, inesperada, a presença de uma marca, de um sinal, na memória dos povos mais diversos, que atravessou anos e séculos e permanece nos nossos dias. E, naturalmente, surge igualmente o "por-

quê" que tantas vezes me veio ao espírito e que obriga a olhar para a História como centro vivo da humanidade num encontro de pessoas e culturas.

O livro UM OLHAR PARA PORTUGAL NO MUNDO é uma viagem pela história dos Portugueses, tentando encontrar e perceber o porquê desta memória quase colectiva de simpatia que, pelas formas mais diversas, nos são transmitidas por povos além da Europa, para lá de eventuais desentendimentos políticos.

Nas *Notas de Leitura* escritas pelo colega da Universidade de Coimbra Henrique Vilaça Ramos* pode ler-se que se trata de «um bem elaborado e fundamentado ensaio que, ao longo das suas 500 páginas, nos leva a percorrer a história portuguesa, com particular ênfase a expansão lusa pelo mundo, de modo a surpreender o olhar que sobre nós dirigiram os povos que fomos contactando e que perdura até aos dias de hoje».

«O livro ajuda a compreender e a compreendermo-nos: a compreender o que foi o selo distintivo da presença portuguesa no mundo ao longo dos seus oito séculos de história e a compreendermo-nos enquanto povo que procura a relação fraterna com os outros povos».

Mais ainda: num estudo bem fundamentado em abundantes fontes históricas «faz uma análise do nosso percurso histórico, em que surge luminoso este lusitano modo de estar, modo que ainda hoje é celebrado no coração de tantos homens e mulheres das mais variadas culturas, muitos deles sem contactos com os portugueses ao longo de séculos, mas que continuam a preservar na sua memória esta herança que os faz olhar-nos com simpatia, admiração e, não raro, com sentido de pertença».

*In «Acção Médica», 77(2), Junho 2013, p. 185.



Cá Dentro

FIM-DO-ANO

NAS TERMAS DE MONTE REAL

30 de Dezembro de 2012 a 1 de Janeiro de 2013

A Direcção



O grupo em Leiria

A conjuntura em que vivemos aconselhou uma passagem de ano mais "caseira", sem prejuízo da satisfação de estarmos juntos neste momento tão especial.

E conseguimos, saindo no dia 30 em direcção às Caldas da Rainha, onde visitámos a cidade, o *Museu Malhoa* e o *Museu Barata Feyo* (no Centro de Artes).

O *Hotel Palace Monte Real* esperava-nos, com a beleza de uma construção e decoração antigas, aliadas à moder-

nidade e maior conforto da sua ala mais recente.

No dia seguinte, das visitas previstas e marcadas, apenas nos abriu as portas o *Núcleo Museológico do Moinho de Papel*, pois o Castelo de Leiria encerra as suas portas nesse dia.

Percorremos a cidade, suas igrejas e monumentos até à hora do regresso ao hotel. Ai decorreu um jantar de gala e uma ceia da meia-noite requintados, com música ao vivo a animar os 47 nossos Colegas e Amigos e os res-

tantes convivas, que eram muitos.

O ano de 2013 entrou nas nossas vidas como em anos antecedentes: votos mútuos de saúde e felicidade possíveis e, acima de tudo, a promessa de preservarmos o espírito de fraternidade que subjaz a todos os nossos convívios, especialmente a este.

E no primeiro dia do Novo Ano, após um *brunch* suculento, retomámos o caminho para Lisboa, onde os Familiares requeriam a nossa presença.

PASSEIO DA PRIMAVERA – 2013

De 8 a 11 de Junho

Maria Laura Maia Mesquita



Passeio da Primavera 'Rota dos Escritores' 2013

Percurso geográfico:

Lisboa, Matosinhos, Leça do Balio, Caxinas, Vila do Conde, Póvoa do Varzim, S. Miguel de Ceide, Santo Tirso, Paços de Ferreira, Paços de Sousa, Vila Meã, Amarante, Tormes, Lisboa.

"Sempre que visito uma terra, começo pela Igreja" – isto afirmou Miguel Torga. É o reconhecimento de "quanto a cultura, a história e a vida de um povo se reflectem na arquitectura das suas Igrejas, nos seus altares e nas suas devoções". Visitar igrejas também foi o objectivo desta viagem.

Igrejas visitadas:

Igreja do Mosteiro de Leça do Balio – no local existia um mosteiro cuja fundação é anterior à nacionalidade. Foi dotado por D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques. Reedificado no séc. XIV, foi a primeira casa dos frades Hospitalários Cavaleiros da Ordem de Malta, de que foi Prior (Balio), D. António, Prior do Crato. No Interior da Igreja, encontra-se uma

lindíssima pia baptismal, com uma inscrição alusiva a D. António. Do mosteiro, em estilo românico, apenas subsiste a Igreja, tipo fortaleza. Foi aqui que se realizou, às escondidas, o casamento de D. Fernando e D. Leonor de Teles. Junto da Igreja há uma escultura, representando o casal soberano.

Igreja do Bom Jesus de Matosinhos – as três naves da igreja rematam em três grandes altares barrocos com riquíssima talha dourada. Ao centro do altar-mor, tendo como pano de fundo o dourado da talha, está um grande crucifixo – o Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Esta imagem é objecto de grande devoção. Segundo a lenda, Nicodemos mandou fazer várias imagens de Jesus e depois, por medo, deitou-as ao mar. Uma delas, a que está exposta na igreja, teria aportado em Matosinhos. No Brasil, também há uma grande devoção ao Senhor Bom Jesus. Isso explica que a confraria criada com o intuito de recolher fundos para as obras de enriquecimento do interior da igreja tenha obtido

grande parte deles no Brasil.

Igreja do Mosteiro de São Pedro de Ferreira – é um dos mais cuidados monumentos do românico português. O pórtico principal tem um tratamento decorativo de grande valor. Fronteira à fachada principal, "conserva-se a ruína de uma ante-igreja ou galilé de função funerária, excelente testemunho deste tipo de construção".

Igreja do Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa – a fundação do mosteiro está ligada à família dos Ribadouro, da qual provém Egas Moniz. Foi um importante mosteiro beneditino. Trata-se dum monumento padrão, no contexto da arquitectura românica do Vale de Sousa (românico nacionalizado). Na decoração, a igreja utiliza padrões vegetais talhados a bisel, desenvolvendo longos frisos no interior e exterior da igreja, à maneira da arquitectura das épocas visigóticas e moçárabe. Na frontaria está talhada uma grande rosácea. No pórtico principal, vêem-se "vieiras" esculpidas, já muito desgastadas, e dois

medalhões, simbolizando o "dia" e a "noite".

No interior, encontra-se o túmulo de Egas Moniz, com cenas figurativas esculpidas em grande relevo.

Igreja de S. Gonçalo em Amarante – no seu exterior, destaca-se a fachada lateral com três pisos, em diferentes estilos, respectivamente, renascença, maneirista e barroco, onde se integram várias estátuas. Entre elas, a de S. Gonçalo, no 2º piso, entre as colunas do meio, ladeada pelas estátuas de S. Tomás e S. Pedro Mártir (padroeiro da Inquisição). De destacar, ainda, a Varanda dos Reis, com as esculturas de D. João III, D. Sebastião, Cardeal D. Henrique e D. Filipe I (autor: Manuel Couto), e o Zimbório, com azulejos do séc. XVII (da autoria de Domingos de Freitas).

Junto à Igreja, atravessando o Tâmega, existe a ponte, onde o general Silveira se bateu heroicamente nas invasões francesas, conseguindo travar, durante vários dias, a marcha das tropas comandadas pelo General Soult.

Outros locais visitados:

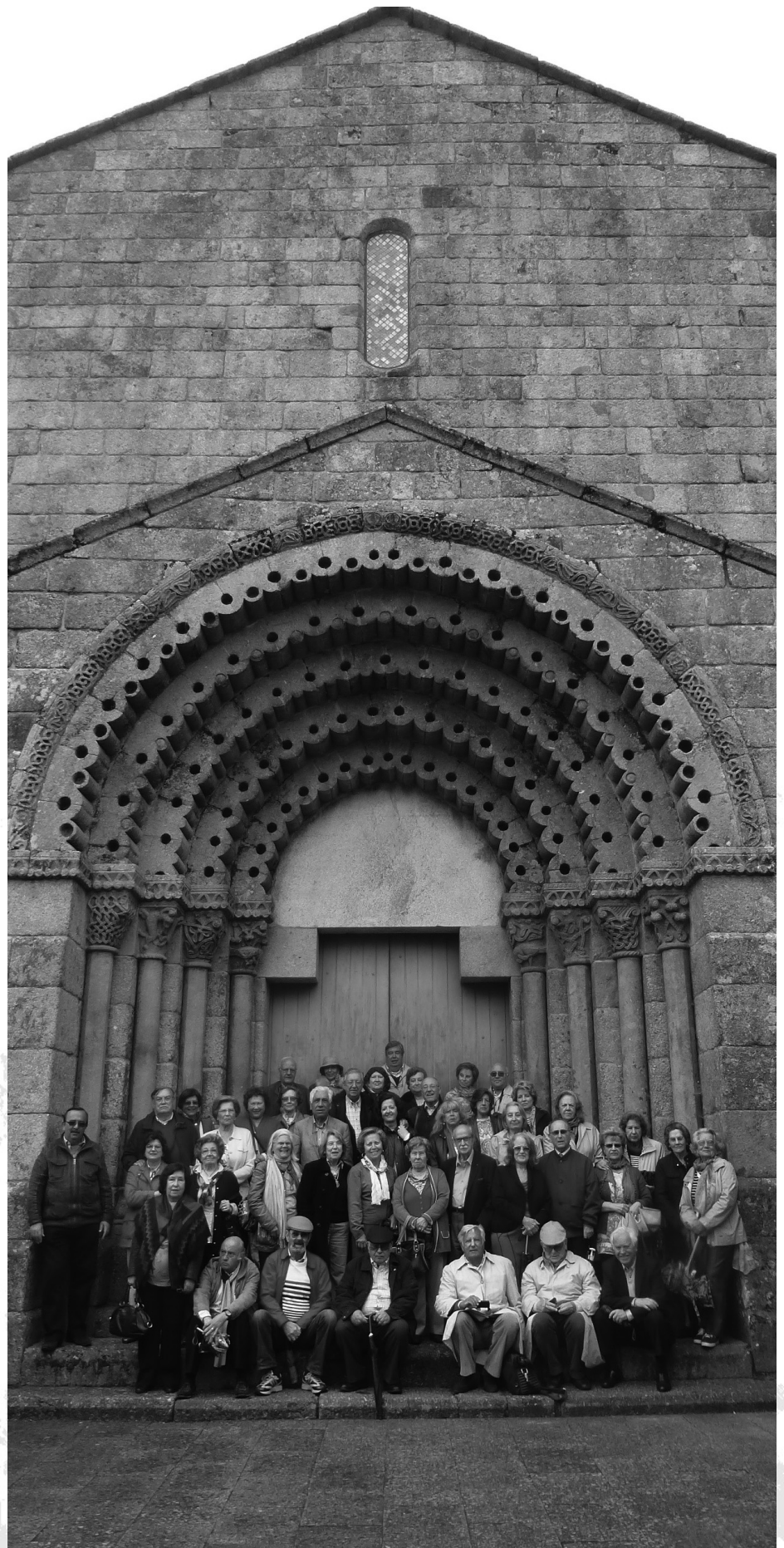
Alfândega Régia – uma recriação da antiga e que nos mostra a pujança comercial de Vila do Conde na época dos descobrimentos e nos informa sobre a importância dos seus estaleiros (aqui foi construída a nau S. Gabriel que integrou a frota de Vasco da Gama, na viagem para a Índia).

Nau Quinhentista – com o interior recriado à época, permitindo-nos imaginar a dureza das viagens naquelas condições.

Citânia de Sanfís – "uma das estações arqueológicas mais significativas da cultura castreja do Noroeste peninsular e da Proto-história europeia".

Museu Amadeu de Souza Cardoso (Amarante) – onde pudemos apreciar algumas obras do pintor, que foi precursor do modernismo, e de outros artistas.

Estando nós na "rota dos escritores", obviamente, que uma boa parte da viagem se prendeu com este tema.



Mosteiro de S. Pedro de Ferreira

Lugares visitados:

Casa-Museu José Régio (Vila do Conde) – em três pisos, com uma arquitectura peculiar, utilizando o acidentado do terreno, para intercalar pequenos recantos ajardinados. Nesta casa, estão expostas peças de pintura e arte sacra que o poeta colecionou, durante a sua vida. Aqui, após a exibição do vídeo alusivo à vida e obra do poeta, um dos visitantes disse o "Cântico Negro".

Casa-Museu Camilo Castelo Branco (S. Miguel de Ceide) – um dos pontos altos da visita, para o que contribuiu muito o excelente guia que tivemos. Chamando a atenção para pormenores das salas e divisões e relacionando-as com o dia-dia de Camilo e Ana Plácido, ou fazendo comentários sobre a vida e obra do escritor, acompanhando-os de relatos de histórias, algumas pungentes (como a da sua cegueira e suicídio), outras pitorescas, e de ditos mordazes de Camilo, o

guia conseguiu fazer-nos viver, em certa medida, o ambiente camiliano da época. No fim, na cozinha da casa, dois visitantes e o guia encenaram uma pequena passagem da obra "Eusébio Macário".

Casa do Seixo (Vila Meã), onde António Nobre passou alguns tempos da sua vida: uma visita de substituição, por ter falhado a ida à Casa de Teixeira de Pascoaes, encerrada para obras. A casa está integrada num parque verdejante, onde se pratica agricultura ecológica, e nela teve lugar um recital de poesia, com poemas do "Só".

Fundação Eça de Queirós (Tormes) – outro dos momentos altos: a casa e as paisagens fizeram-nos transportar a Tormes de "As Cidades e as Serras", permitindo-nos quase sentir os cheiros e as emoções que renderam Jacinto à beleza daquela terra. Aqui, tivemos o privilégio de conversar com um dos familiares de Eça, a esposa de um neto.

O almoço – com ementa queirosiana – culminou com um fado, cantado por Napoleão Amorim. Para homenagear o fadista coimbrão, foi dito um poema de Fernando Pessoa.

E como nem só de espírito vive o homem, falta referenciar:

As Melhores Refeições, que tiveram lugar nos restaurantes, "4 Oceanos" (em Matosinhos) e "Zé da Calçada" (em Amarante), e na "Fundação Eça de Queirós" (em Tormes). Todos primaram pela riqueza e profusão das entradas, pela boa confecção e qualidade do prato principal e pelo requinte das sobremesas. E tudo em abundância.

E o Melhor Hotel, sem dúvida, o Hotel Cidnay, em Santo Tirso: moderno e com uma bonita arquitectura, integrando trechos naturais, nos seus vários desníveis. A terminar, a avaliação da viagem: bom passeio, com temas bem escolhidos, boa organização, excelente companhia.



... a excelente companhia...

Lá Fora

VIAGEM AOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS, SULTANATO DE OMÃ E REINO DO BAHRAIN

2 a 15 de Abril de 2013

Maria Guerra Prazeres

No aeroporto compareceram 43 companheiros prontos a conhecerem as terras do Golfo Pérsico e do Golfo de Omã, outrora percorridas pelo seu longínquo antepassado Afonso de Albuquerque.

Para tal, em voo directo, na Emirates, com tratamento vip, por parte de 4 portugueses da tripulação, pousámos no Dubai, um dos 7 emirados, que constituem os Emirados Árabes Unidos. Chegados, de madrugada, fomos conduzidos ao *Hotel Ramada Jumeirah*, onde tomámos o pequeno-almoço e descansámos.

Após o almoço seguiu-se a visita do **Dubai**, o emirado mais desenvolvido, graças sobretudo à imobiliária, já que apenas 5% da riqueza petrolífera lhe pertence, sendo os restantes 95% de Abu Dhabi, o maior emirado que ocupa cerca de 87% da área total do país. Os Emirados, anteriormente protectorados ingleses, foram constituídos em 1971 e são governados por Khalifa Al Nahyan, filho do fundador do país.

Iniciámos a visita pela *Mesquita de Jumeirah* que mereceu uma foto de grupo feminino junto à entrada das mulheres, com escadas floridas...

Continuando, pudemos observar a magnífica vista sobre a baía do Dubai, de onde se realça a torre mais alta e o hotel mais luxuoso do mundo, o Hotel Burj Arab. É a famosa zona de Jumeirah.



Mesquita de Fujeirah – grupo feminino

Em seguida visitámos o *Museu do Dubai*, situado no antigo forte de Al Fahidi (construído em 1799), que abrange todas as fases do desenvolvimento da cidade, incluindo a exploração arqueológica de Jumeirah, da qual pudemos observar selos, pedras de ouro, recipientes e túmulos.

Num barco tradicional "Abra" alcançámos o *mercado (souk) do ouro*, que prima pela quantidade e variedade de peças, mas que afugenta qualquer um!... Levados directamente para o jantar no *restaurante giratório Al Dawar* (deck

25), apreciámos a bela panorâmica e os doces verdadeiramente irresistíveis!...

No dia seguinte, o guia Munir, bem vestido de branco levou-nos ao **Emirado de Sharjah**, o terceiro maior em área e o único que é banhado pelo Golfo Pérsico e Golfo de Omã. É pouco desenvolvido, pois não tem petróleo. A visita panorâmica contemplou a *Mesquita do rei Faisal*, a segunda maior do país, construída em honra do rei Faisal da Arábia Saudita, passando em seguida pela avenida mais importante do país, apelidada de Campos Elíseos e semeada de cantei-

ros de flores. Uma paragem para visitar o *Souk do Al Majara* e o mercado do peixe. De regresso ao *Dubai* e após o almoço no *restaurante Daniels*, subimos ao deck 124 do *Burj Khalifa*, o mais alto edifício do mundo (828 m).

A visita continuou pelo *porto* e *zona franca de Jebal Ali*, *Palm Islands* (ilhas artificiais), onde serão construídas infra-estruturas comerciais e residenciais, *Majlis Ghorfat* e *Dubai Mall*, o maior centro comercial do mundo.

Seguiu-se a visita ao Museu de falcoaria. Os olhos dos falcões são a sua arma, dado que ouvem mal, por isso pudemos observar falcões de burka nos olhos, a fim de descansarem...

Nova paragem no *Departamento de Turismo e Marketing do Comércio*, antigo local de recepção do pai do actual Xequ.

O dia terminou com um jantar-buffet no *restaurante Al Hadheerah* nas dunas do *deserto de Bab Al Shams Desert Resort*, em que as exposições de falcoaria, cavalos e dança do ventre foram miragens!...

Um novo dia surgiu com a partida para o **Emirado de Abu Dhabi**, distante cerca de 158 km do Dubai. Percorremos novamente a zona junto ao mar, vendo-se a *zona da marina*, com os seus arranha-céus, a *zona da Palmeira* com as praias, o palácio secundário do Xequ e o seu barco ancorado. Passámos depois por ilhas ligadas por pontes, com casas, onde em 2009 tudo era deserto... De re-



Dubai- Observatory Deck do Burj Khalifa – o edifício mais alto do mundo

pente um estrondo que acordou muita gente... O pneu interior do lado direito do autocarro rebentou. Continuação da viagem, mas passados alguns quilómetros novo barulho e o autocarro, tal torre de Pisa, a inclinar-se para a direita... e gente em pânico...

Finalmente deu-se a entrada na *Ilha de Abu Dhabi*, indo nós almoçar ao *restaurante Al Alsalah*, na *Héritage Village*, concebida pelo Xequ Zayed Bin Sultan Al Nahyan, como lembrança do passado para a geração mais jovem.

Com autocarro substituído fomos em direcção ao *hotel Al Maha Arjaan Rotana*, passando pela avenida mais importante da cidade, vendo-se muitos símbolos, como cápsula para conservação de alimentos (consideração pelas pessoas), cafeteira (hospitalidade) e canhão (força).

No dia seguinte a visita da cidade fez-se pela *Mesquita Sheikh Zayed*, a maior do país, com o nome do fundador dos Emirados e que se encontra sepultado no pátio exterior da mesquita.

E as mulheres sempre bem tapadinhas... A Mesquita é uma belíssima obra de arquitectura islâmica. É a oitava maior do mundo, podendo levar 40 000 fieis.

As suas reluzentes 80 cúpulas brancas e os 4 minaretes podem ser observados já na entrada de Abu Dhabi. Os seus pátios amplos e as mais de 1 000 colunas são de mármore branco e o tapete que cobre o interior é o maior tapete persa do mundo, pesando 47 toneladas e medindo 5 627 m²!...

Após o almoço no *restaurante Origins*, situado no *Parque Ferrari*, iniciámos a visita deste Parque, o maior parque de diversões *indoor* do mundo, inaugurado em 2010. O circuito de Fórmula 1 acolhe 55 000 pessoas e localiza-se na ilha de Yas (a tribo mais importante dos nativos). Existe uma arena para concertos e muitas atracções como a montanha russa mais rápida do mundo, carros-séis, etc.

Visitámos ainda o *Centro Cultural de Manarat Al Saadiyat*, onde as maquetas expostas apresentam as diferentes ca-

sas que estão à venda e outras com o que vão construir.

Prevê-se para 2015 a construção do Louvre, Guggenheim, museu Zayed e uma sala de espectáculos.

O 6º dia de viagem trouxe-nos a visita do *Centro do Xequ Zayed*, antiga fortaleza, e uma saudação da chuva..., que caiu com força no tejadilho do autocarro, mas parou repentinamente. No Centro encontram-se muitas fotos e ofertas de vários estadistas ao Xequ Zayed.

Seguimos então em direcção a **Al Ain**, a 161 km de distância. Esta cidade, a segunda maior de Abu Dhabi e a quarta maior dos Emirados, é um oásis, a cidade-jardim, onde nasceu o presidente do país. É um importante centro agrícola, arqueológico e uma cidade universitária por excelência.

Depois do almoço no *restaurante Arabesque*, visitámos o *Museu Nacional de Al Ain*, o mais antigo do país e que abriga duas secções principais, a etnográfica e arqueológica, sendo esta a mais completa. Na secção etnográfica o nosso realce para um mapa elaborado por um cartógrafo português, Francisco Alberto Cutileiro e uma carta náutica, em puro ouro, estilo dos cartógrafos do séc. XVI.

Seguiram-se as visitas ao *antigo palácio do Xequ Zayed*, hoje Museu e ao *Forte Al Jahili*, um dos maiores fortes do país, residência real durante o verão.

Não faltou a visita ao *mercado dos camelos*, que têm vida curta, são mortos por não darem à luz!... Só as fêmeas são importantes!... E basta um só camelo para quarenta fêmeas!...

O *Hotel Mercure Jebel Hafeet*, onde nos alojámos, é excelente e bem enquadrado na paisagem, no cimo da montanha a 1 000 m de altitude.

No dia seguinte realizou-se a visita ao *Parque Arqueológico de Hili*, maravilhoso, bem estruturado, limpo e arranjado, que data do 3º milénio e é o maior sítio arqueológico da idade do bronze dos Emirados. Muitas das peças encontradas estão no Museu de Al Ain.

Em seguida partimos para o **Emirado**

de **Fujairah**, distando cerca de 176 km. É o mais pobre do país e o mais pequeno. Não há areia, apenas pedras e alguma agricultura resultante da chuva, devida em parte à cordilheira Hajjar, que origina microclimas. Almoçados no *Hotel Hilton Fujairah*, dirigimo-nos para a *fortaleza de Fujairah*, estilo português, com dois torreões, a melhor dos Emirados.

Também o *Museu de Fujairah* mereceu a nossa visita. Nele encontram-se, entre outras, peças de bronze, latão, prata e ouro, de cerâmica pintada e o túmulo de Dibba. Terminada a visita deslocámo-nos para norte, onde existe a maior fábrica de dessalinização do mundo que abastece esta região e Al Ain. Durante o percurso atravessámos enclaves de Sharjah e a fronteira de Omã, chegando finalmente ao *Hotel Golden Tulip Dibba*, de 4 estrelas muito apagadas...

Ao 8º dia a grande maioria saiu para o porto de Dibba, a fim de embarcar num "dhow" tradicional para um passeio até à *Península de Musandam*, um enclave omanita. Este fica no leste da Arábia, tendo ao norte o estreito de Ormuz, local do encontro das águas do Golfo Pérsico e Oceano Índico, o chamado Golfo de Omã. Musandam apresenta os mais escarpados litorais do mundo, com montanhas que se elevam do mar em formas espectaculares, criando baías abrigadas. Houve também a possibilidade de desfrutar da praia junto ao hotel. Depois do jantar assistimos, no bar, a uma sessão de canto a cargo do Manuel Ferreira, Heitor Gomes e Francisco Domingues.

O dia 10 de Abril foi longo por termos percorrido cerca de 335 km até *Muscate*, capital do **Sultanato de Omã**. O autocarro era pequeno e a confusão foi total com a colocação das malas.

O guia José, espanhol, nem tinha lugar sentado!... O Paulo Figueiredo, electrónico de serviço, assumiu funções de "carregador" resolvendo o assunto com muito trabalho e suor...

Que prenda de aniversário!...

Omã é o segundo maior país da Penín-

sula Arábica, situado a Sudeste. Tem 15% de montanhas, 3% de planícies e 82% de areia e deserto. Após o almoço, durante o trajecto, houve uma pequena paragem para fotografar touros em luta. Um deles farto e cansado saiu da arena, mas apanhado voltou a fugir... Ninguém gosta de ser contrariado!... Passando por *Barka*, junto ao Golfo, arribámos a Muscate e instalámo-nos no *Hotel Golden Tulip Seeb*. O jantar, de aniversário da Céu Machado e do Paulo Figueiredo, foi animadíssimo, com os parabéns tocados e cantados em inglês, por uma banda que actuava no bar, "acolitada" por nós e árabes, que também jantavam. Uma grande festa! Claro que não faltou um grande bolo com o nome dos aniversariantes.

No dia seguinte iniciámos a visita da cidade de *Muscate* pela *Grande Mesquita*, também apelidada de *Mesquita do Sultão Qaboos*, por ser totalmente paga por ele. A Mesquita com 5 minaretes de 92 m de altura, tem pormenores de várias mesquitas do mundo, com uma cúpula, mosaicos de madre pérola no interior, nichos com o Alcorão. O interior das paredes da entrada principal são totalmente cobertos por mármore branco e cinzento-escuro e o seu lustre pesa 8 000 kg. É realmente bela e maravilhosa! Visitámos também o *Museu de História Natural* e o *Hall da Baleia*.

A caminho do *Hotel Radison Blu*, onde almoçámos, pudemos admirar a parte antiga da cidade, situada ao longo da *Corniche de Muttrah*, desde o porto Sultão Qaboos até à praia de Al Bustan.

Muscate está cercada por uma muralha na parte sul e oeste. As montanhas e o Golfo de Omã ao norte e este, são as muralhas naturais. Regressados do almoço, seguindo a *Corniche de Muttrah*, parámos num vale, recinto de paradas, a fim de observarmos o *Palácio Al Alam*, o palácio oficial do Sultão Qaboos, flanqueado pelos *fortes de S. João e Capitão*, ambos portugueses do séc. XVI.

Terminámos a visita com a ida ao *Souk Muttrah* para as habituais compras.

No último dia da visita a Omã partimos



Sultanato de Omã - A Sheikha Fátima...

em direcção aos *fortes da região da Batina*, fazendo a viagem ao longo da costa até *Barka*, de modo a visitar o mercado do peixe no *Souk Seeb*, observando o peixe acabado de pescar, a lota e as bancas de venda do peixe.

A viagem prosseguiu até às *nascentes termais de Rustaq*, bastante rudimentares. Depois do almoço no *Al Nahda Resort* seguimos para o *forte de Nakhal*, também chamado de Al Hush Heem, que foi construído em cima de uma rocha com 200 m de altura, no séc. XVII, sendo restaurado em 1990 pelo Sultão Qaboos. O forte, muito interessante, com 6 torres, mereceu-nos uma visita atenta e cuidadosa.

Subindo, subindo, subindo, encontramos a sala dos convidados, os quartos, a sala de estar e canhões fazendo parte da mobília...

Chegou o dia da partida para a grande maioria dos nossos companheiros, uma vez que apenas 7 se atreveram a conhecer o Bahrain.

E chegou o dia, bem cedo, antes das 2h da madrugada, hora em que deixámos o hotel rumo ao aeroporto, para "secarmos" até às 5h, chegando ao Dubai cerca de 1h depois.

Aqui houve a separação do grupo, tendo os sete partido mais cedo para o **Bahrain**. À nossa espera estavam a guia Nadia, nascida em Portugal, mas sem falar Português, e o motorista.

O Bahrain tem 35 ilhas e ilhotas, sendo a maior a ilha de Bahrain. Situa-se no Golfo Pérsico, a leste da Arábia Saudita e a noroeste do Qatar. Desde 1986 está ligada à Arábia Saudita por uma ponte de 25 km. A sua superfície rondará os



Al Ain _ Fujairah - grupo junto ao Forte Bitnah

700 km², mas ainda há muito território conquistado ao mar.

Fomos directamente para o *Hotel Best Western Plus the Olive in Juffair*, um excelente hotel e com pessoal extremamente atencioso.

Como estamos num reino (monarquia constitucional desde 2002), o tratamento foi de príncipes e princesas!...

Após o almoço começámos a visita pelo *sítio arqueológico de Saar* descoberto em 1983, aquando da construção da ponte entre o país e a Arábia Saudita. Aqui foi encontrada uma cidade com um templo dedicado ao deus da lua, com muitos altares de sacrifícios e que data de 2 500 a.C. Seguindo pela *estrada de Budaya*, chegámos ao *Templo de Barbar*, que na verdade são três templos de diferentes formas. O segundo templo é o mais importante e o mais visitado, dedicado ao deus Enki, o deus das quedas de água, datando do 3º e 2º milénio a.C. Neste templo foram encontrados muitos altares, com paredes e terraços na sua altura total e lugares de culto intactos.

Seguiu-se a visita ao *Forte do Bahrain*, também conhecido como o *Forte dos Portugueses*, situado em **Manama**, a capital do país. Este forte foi construído pelos portugueses em 1522 sobre as ruínas de uma pequena fortaleza da era de Dilmun, uma das civilizações mais importantes da região. É Património da Unesco desde 2005. O forte sofreu uma intervenção de conservação com a ajuda da Fundação Calouste Gulbenkian. O jantar decorreu à luz das velas, em ambiente musical suave e com tratamento requintado.

No dia seguinte continuámos a visita da cidade pela *Grande Mesquita Al Fateh* "equipadas" a rigor com a burka preta, ouvindo atentamente as explicações da guia egípcia. A Mesquita faz parte do *Centro Islâmico* que integra ainda um *Departamento de Estudos* e uma *Biblioteca Islâmica*. Inaugurada em 1988 pelo último Emir, possui 2 minaretes e a maior cúpula do mundo em fibra de vidro, com cerca de 40 m de altura e 25 m de diâmetro, tendo nas 12 janelas o no-

me de Alá inscrito em árabe. O chão de mármore italiano brilha com as 950 lâmpadas de confecção francesa e um lustre de cristal austriaco. As portas de madeira teca são fabulosas com as suas decorações. É uma jóia preciosa de arquitectura do Bahrain. A guia, egípcia, com uma excelente dicção deu-nos uma "catequese" de Islão, culminada com a oferta do Alcorão em Português!...

Seguidamente visitámos *Bait Al Quran*, a Casa do Corão, que abriga manuscritos do Alcorão recebidos de todo o



Omã- Forte Nakhal ou Al Husn Heem

mundo islâmico, do norte de África, Índia e China em particular. Tem também colecções de artefactos raros islâmicos, jóias e utensílios de vidro ornamentados a ouro. Da secção de cópias mais antigas salientamos as mais pequeninas, vindas da Turquia, que cabem na palma da mão, livros em ouro com letras maravilhosas e um versículo do Corão inscrito num bago de arroz.

Entrámos no centro de **Manama**, na zona diplomática para visitar o *Museu Nacional do Bahrain*, que possui uma colecção que cobre 6 000 anos de história do país. Pudemos observar pinturas, esculturas, túmulos e cerâmica com cenas da vida durante a civilização Dilmun e ainda um túmulo redondo, único no mundo. Na secção etnográfica, um destaque para a secção das pérolas, as mais belas devido ao seu brilho e limpeza e

na secção das tradições uma noiva típica, vestida de verde (em homenagem a Maomé).

Após o almoço visitámos a *Quinta dos Camelos*, propriedade de um dos tios do rei. Extra programa, oferta da Nadia, fomos até à fronteira com a Arábia Saudita, subindo à torre circular do Bahrain, donde se vê a torre da Arábia Saudita e a sua cidade fronteiriça.

Ainda parámos no local onde se realizam as corridas de Fórmula 1, com a particularidade do vencedor abrir uma garrafa com água de rosas gaseificada em vez do habitual champanhe...

Regressados ao hotel jantámos e à 1h da manhã reunimo-nos no hall do hotel, para meia hora mais tarde irmos para o aeroporto. Feito o check-in embarcámos para o Dubai, esperando cerca de 5h pelo avião que nos traria a Lisboa.



Bahrain – os 7 majestáticos resistentes

Tivemos uma agradável surpresa ao encontrarmos uma das hospedeiras portuguesas que nos beijou efusivamente. O voo durou umas 8h e assim terminara a nossa aventura pelos países do Médio Oriente, tão diferentes de Portugal, mas que decerto deixou em todos nós uma encantadora e inesquecível lembrança.

A VOZ DA FILANTRÓPICA

Está sempre presente nas nossas preocupações apoiar os Colegas em situação de doença ou outras, quer presencialmente, quer pelo telefone, muitas vezes tardiamente por falta de conhecimento atempado das ocorrências.

Não falham as felicitações pelo aniversário de cada um e muitos agradecem os dizeres tão personalizados.

Os já imprescindíveis "Chá dos Reis" e "Chá da Primavera" continuam proporcionando bons convívios na Sede, com poesia e música.

Serviço de TeleAssistência

A HCS – Home Care Services apresentou na nossa Sede os seus objectivos de prestar serviços de tele-saúde e teleassistência com a capacidade de apoio e acompanhamento dos utentes, nas suas casas ou noutra local onde possam encontrar-se, visando manter autonomia de vida.

A sua implantação é no Porto, estando em curso estender a actividade à área da grande Lisboa.

A Direcção

VISITAS LOCAIS

No 1º semestre de 2013 realizaram-se 4 visitas programadas e que se enumeram de seguida:

- Dia 10 de Janeiro, às 10h50 – Visita guiada à exposição temporária de pintura *"As Idades do Mar"* na *Fundação Calouste Gulbenkian* (Av. de Berna).
- Dia 20 de Fevereiro, às 15h00 – Visita guiada ao *Palácio da Academia das Ciências de Lisboa* na Rua da Academia das Ciências (ao Rato).
- Dia 21 de Março, às 15h00 – Visita guiada à exposição temporária *"A Arquitectura Imaginária"* no *Museu Nacional de Arte Antiga* (Rua das Janelas Verdes).
- Dia 17 de Maio, às 14h30 – Visita guiada à exposição *"Viagem 360º - as Voltas que o Mundo Dá!"* (Viagem 3) na *Fundação Calouste Gulbenkian* (Av. de Berna).

As visitas decorreram com muito agrado para os diversos participantes.

Registamos o nosso agradecimento aos guias que nos acompanham, pela sua disponibilidade e pela capacidade explicativa demonstrada.

Apareçam sempre!

Maria Claudina Castel-branco

OS NOSSOS POETAS DE CARLOS ALMEIDA SANTOS



Antinomia

Tema para um fado de Coimbra

Meu coração solitário
Bate e pulsa tristemente
Cumpre o seu cruel fadário
De nunca viver contente.

Meu coração prisioneiro
Não se intenta libertar
Pois pertence por inteiro
A quem não o sabe amar.

Meu coração exigente
Gosta de ser infeliz
Escolheu entre toda a gente
Aquela que nunca o quis.

in "Melodia Interrompida"

Presente - Ausente

Melhor do que estar só, só estar contigo
Melhor do que fugir, só abraçar-te
Melhor do que chorar, só se consigo
Pensar que bom seria acompanhar-te.

Pior que ver-te triste, só sofrer
A dor da impotência de curar-te
Pior que ver-te amarga, só manter
A mágoa insuportável de deixar-te.

Como gerir em paz este vazio
Como viver incólume no frio
Da dor inenarrável do adeus?

Adeus em que não vais mas permaneces
Tão viva quão serias se estivesse
Aconchegada em paz nos braços meus.

in "Um Audível Silêncio"

Redondilha Alegre

Como o teu olhar encanta
Como o teu andar ondula
Como a névoa se levanta
Ao ver-te chegar segura.

Como o teu sorriso aquece
Como a tua voz anima

Como a minha mão estremece
Ao tocar tua pele fina.

Funde-se da vida o gelo
Quando afago o teu cabelo.
Meus lábios beijam teu rosto
Vai-se do dia o desgosto.

in "Melodia Interrompida"

Saudades de Coimbra

Coimbra, que sentimento
Ficou preso na minh'alma
Pois em ti qualquer momento
Faz febril a vida calma.

O Penedo da Saudade
É grata recordação
D'amor que não tem idade
Guardado no coração.

Cabra lembra o recolher
Para bichos e caloiros
Se não quiserem perder
Os lindos cabelos loiros.

Nas latadas se tentava
Fintar lápis da Censura
Com jeito se procurava
Criticar a Ditadura.

Ai as meninas das Letras
Na saída do meio dia
Que regalo para os olhos
Só resta a melancolia.

Futebol no Calhabé
Alegria e emoção
Abafado com café
Só no António Ladrão.

Vamos lá formar a trupe
P'ra chatear os futricas
A Arregaça não vale nada
Eles são todos uns medricas.

Temos que ir para o ensaio
Do Orfeon esta noite
Vai haver saída em Maio
Quem ensaiar que se afoite.

Amanhã capa e batina
Para ir ao Patronato
Serenata para a menina
Em ajuda ao Liberato.

Luz que se apaga e se acende
Sinal de grata emoção
Decerto a menina entende
Uma tão grande paixão.

in "Um Audível Silêncio"

Como de costume apresentamos alguns sítios e blogues com destaque no tratamento de temas académicos. Fica a chamada de atenção e o convite para os visitarem demoradamente, lendo os textos na íntegra na internet...



Notas ao Foro Académico

<http://notasemelodias.blogspot.pt/2012/08/notas-ao-foro-academico.html>

Muito se ouve falar em "Foro Académico", mas muitas vezes não se percebe muito bem o que tal é, nem o que implicava. Já disso aqui se falou a propósito do Traje Académico que, como aqui explicado, foi "criado" para distinguir, precisamente, o "foro académico", ou seja, aqui, com o sentido de classe laboral/social diferenciada de outras profissões e mesteres. Mas o "Foro Académico" era bem mais do que isso.



Notas sobre O Grito Académico "F.R.A."

<http://notasemelodias.blogspot.pt/2008/09/notas-sobre-o-grito-acadmico-fra.html>

Merece alguma atenção este assunto porque me parece haver alguma falta de conhecimento sobre a forma e razão de ser deste tipo de interpelação e expressão efusiva de alegria e comemoração.

Para além disso, já não é a primeira vez que, no meu mail, caem pedidos de esclarecimento sobre este assunto e, por esse mesmo motivo, decidi escrever alguns considerandos.

Notas aos Rasgões na Capa - Origens e significados

http://notasemelodias.blogspot.pt/2012/11/notas-aos-rasgoes-na-capa-origens-e_7.html



Capas rasgadas são hoje tidas como expressão máxima da veterania e vivência académicas, pejadas, dessa forma, de significâncias, testemunho de amores, amizades, beijos..... "and so on".

De onde vem essa tradição dos pequenos rasgões na capa ou mesmo do grande rasgão a meio desta?

NOTÍCIAS BREVES

01.

JANTARES MENSAIS

Tiveram lugar apenas 2 (Fevereiro e Março), por se manterem, decerto, os propósitos de contenção nos gastos, a par de condições climatéricas pouco propícias.



Aniversários de Março



Aniversários de Junho

02.

FOLIA DO CARNAVAL

No mesmo *Altis Park Hotel* e com o mesmo *Clube Vintage* a animar; e apesar de uma adesão inferior à dos anos anteriores (só 74 foliões), a alegria e juventude continuaram a imperar, bem como a "surpresa" manifestada pelos aniversariantes desse mês perante o já consabido bolo de aniversário fingido.



Os Aniversariantes

03.

ASSEMBLEIA-GERAL ORDINÁRIA

Realizou-se em Março, não só para a obrigatória aprovação do relatório de actividades e contas de gerência de 2012, como para a eleição de novos Órgãos Sociais para o triénio 2012/2015, findo que estava o triénio anterior.

04.

ENCONTRO DOS “EMIRATES”

Ocorreu em Maio, com as habituais exibição de imagens e exposição de fotografias da viagem, sujeitas a concurso, e rematado por um repasto reconfortante.

05.

FESTA DOS SANTOS POPULARES

Com pouco mais de metade dos participantes de anos anteriores, os "resistentes" (50) apreciaram de novo a beleza e tranquilidade da *Quinta de Sto. António da Barôta*, o almoço típico e a animação com baile, Coral "Ad-Hoc" e "Danças de Salão"; depois, o costumado concurso de Quadras dos Santos Populares, no qual ganhou o 1º lugar esta (colectiva/grupo de uma mesa):

"Como são bem diferentes
O São Pedro e o Gaspar
Um ajuda toda a gente
O outro só quer sacar."



O Ad-Hoc



Os Aniversariantes



O Júri e os premiados

06.

PARCERIA COM A CASA DOS AÇORES

Em parceria com a Casa dos Açores em Lisboa, tivemos a oportunidade de assistir a uma palestra sobre "Tradições Académicas Coimbrãs. Das Origens aos Dias de Hoje", pelo Colega Zé Veloso, com projecção de imagens (algumas inéditas).

07.

CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- **A Reitoria da Universidade de Coimbra** convidou a Associação a estar presente em diversas cerimónias de doutoramentos;
- **A Rede U.C. e o Instituto Universitário Justiça e Paz** convidaram-nos para uma "Noite de Fados", no Mosteiro de S.ta Clara-a-Velha, em apoio da sua actividade (Fundo Solidário);
- **A Associação Académica de Coimbra** convidou-nos para a Cerimónia de Tomada de Posse dos novos Órgãos Sociais (em Janeiro).

08.

SE NÃO SABIAS FICAS A SABER QUE ...

A nossa **Biblioteca ...**

Mais uma vez a Associação tem o prazer de referir os nomes de Sócios e Amigos que contribuíram para o enriquecimento do Património da nossa Biblioteca com a oferta de livros, publicações periódicas e outra documentação: Dr.^a Maria Isabel Freire, com a generosa oferta de... **148 livros**; Dr.^a Maria de Fátima Lencastre; Dr. Mário Bento Martins Soares, a oferta de um quadro;

Dr.^a Irene Rosa Macieira Taborda, com a oferta de 9 dossiers com fotografias e estampas elaborados pelo nosso saudoso Dr. Hugo Taborda e ainda: Associação dos Pupilos do Exército (Boletim);

*A todos o nosso Bem Hajam!
Perdoar-nos-ão os que, por lapso involuntário,
não foram mencionados.*

09.

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

... em 2013 (até Junho) foram :

Dr. Nuno Manuel Lages de Oliveira, Sócio nº 1303; Dr.^a Maria Filomena Vieira Lopes Perdigão, Sócio nº 1304; Dr.^a Maria Teresa Mendes, Sócio nº 1305; Dr. Álvaro de Azevedo Marques Caneira, Sócio nº 1306.

IN MEMORIAM

Deixaram-nos...

... no primeiro Semestre de 2013:



JOSÉ MARCELINO DE SOUSA MOURA, SÓCIO 402

Após doença prolongada, deixou-nos em 6 de Abril de 2013, com 85 anos de idade.

Foi Secretário da Direcção desde Fevereiro de 2001 a 2006 e, a partir desta data, 2º Vice-Presidente da Direcção.

Legou-nos o exemplo de um desempenho de funções por devoção à causa, sobretudo no mandato que lhe foi conferido de representação da Associação no Encontro para a constituição de uma "Rede Hispano-Lusa e Futura Rede Europeia de Antigos Alunos do Ensino Superior" (promovido pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra em 2002), que não foi levada a bom termo porque a Universidade de Coimbra carecia para o efeito de previamente dispor, em paridade com as Universidades espanholas, de um órgão de cúpula das AAEC, a Federação, que o Moura defendia e ainda hoje não foi alcançada por razões que são estranhas a esta Associação.

A par deste exemplar exercício, onde imperavam a justiça e a equidade na tomada de decisões, o Moura brindou-nos sempre com um trato afável, "senhorial" – mesmo nas suas manifestações de apoio à sua querida "Briosa" – tornando-o um Homem e um dirigente respeitado por quantos com ele conviveram e digno do melhor registo na vida associativa.

Eng. João José Fausto Quintela de Brito, Sócio 38
– em 16 de Janeiro;

Dr. José Henrique Rodrigues Dias, Sócio 875
– em 16 de Março;

Dr. Fernando Manuel Magalhães Martins Xavier, Sócio 1204
– em 6 de Junho.

Que descansem em Paz!

NOTA:

Ainda temos sócios com **quotas** em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (alguns...)

Quando estarão todas em dia? **Não podemos "viver" sem elas!**



Janeiro a Junho 2013

FICHA TÉCNICA

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A Presidente da Direcção

EDIÇÃO: Associação dos Antigos Estudantes
de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97 FAX. 21 849 42 08

E-MAIL: aaec@sapo.pt

INTERNET: www.aaec-lisboa.com

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

PERIODICIDADE: Semestral

TIRAGEM: 1000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS

SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO

